

A parte narrativa dos cantos I e II e a função dos deuses

Partes narrativas: 3 categorias: Narrativa da viagem (52/73)
Narrativa sobre os deuses (26/26)
Narrativa mesclando os deuses e a viagem (8/14)
(entre parêntesis aparece o número de instâncias de cada canto)

Canto I:

Viagem: 19, 42-72, 83-99, 101, 103-104

Deuses: 20-41, 73-76

Viagem/deuses: 77-82, 100, 102

Canto II:

Viagem: 1-9, 14-18, 24-32, 64-113

Deuses: 19-20, 33-56

Viagem/deuses: 10-13, 21-23, 57-63

Vênus - Marte

Deuses: se dividem em dois grupos{

Baco

Incidentes da viagem de Gama narrados até o canto II

- Luta em Moçambique
- Falso Piloto
- A cilada armada em Mombaça
- Chegada a Melinde

Em todos eles está presente a ação de Baco e a ajuda de Vênus:

I, 79-81: Baco incita os mouros a que destruam os portugueses e propõe que, se o ataque não der bons resultados, eles arrumem um falso piloto.

I, 100, 102: Vênus por duas vezes impede que a armada aporte em um porto inimigo

I, 104: Baco avisa o Rei de Mombaça sobre o inimigo

II, 10-14: Baco se disfarça de cristão para armar uma cilada

II, 21-23: Vênus impede a entrada da armada no porto

II, 33-41: Vênus pede a Júpiter que este ajude os portugueses

II, 61-64: Os portugueses, graças ao sonho que Gama tem, partem para uma terra amiga

Na sua maior parte a ação do poema é dada pelos deuses que, na sua luta, criam ciladas e as desfazem. Sem a ação dos deuses os acontecimentos narrados não possuiriam nem ação nem unidade: é a luta entre Baco e Vênus que unifica os acontecimentos, colocando-os dentro de uma trama única.

Assim, nesta parte de *Os Lusíadas* temos dois planos:

- O histórico, em que se desenvolve a viagem de Gama
- O mitológico: em que estão os deuses

Relação entre os dois planos

Se o plano divino interfere no plano humano, este não sabe da existência do plano divino, como podemos notar pelos exemplos abaixo:

II, 30-32 (após Vênus ter impedido, com a ajuda das nereidas [ninfas do mar], que a armada aportasse em Mombaça):

"Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente,
Se lá de cima a Guarda Soberana -----> Divina Providência
Não acudir à fraca força humana?"

"Ó tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não pôde ser guardado" -----> Gama considera que quem está
deles cuidando é Deus

Em II, 32 Gama pede a Deus que o conduza a um porto amigo, o que imediatamente faz com que Vênus fale com Júpiter, para que isto ocorra.

II, 65: Gama interpreta o aviso dado, em sonhos, por Mercúrio, como uma mensagem de Deus

Temos assim dois planos claramente distintos:

Plano histórico:

- narra acontecimentos históricos ou que podem ser considerados enquanto tal
- apoia-se na religião católica e interpreta os vários acontecimentos extraordinários como milagres ou avisos de Deus
- desconhece a existência dos deuses [sobre este aspecto notar que na parte da viagem narrada por Gama (V, 1-85) os deuses não estão presentes].

Plano mitológico:

- É nele que estão os principais agentes desta parte da obra, Vênus e Baco
- É através dele que os vários incidentes narrados são unificados em uma intriga única.

Além da função de estruturar a narrativa, os deuses também possuem uma outra função: eles servem para narrar feitos que são, em relação à viagem de Gama, futuros. Este procedimento, que será bastante desenvolvido no canto X, já está nesta parte esboçado na fala de Júpiter (II, 42-55), em que este prevê uma série de acontecimentos futuros que ocorrerão nas Índias (Cercos de Dio, Tomada de Goa, Tomada de Calecute, etc.)

Mais tarde estudaremos as estâncias I, 105-6.